



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Cecconello Marques, Alessandra; Koller, Sílvia Helena
Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em
situação de risco
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 3, 2003, pp. 515-524
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816310>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco

Alessandra Marques Ceconello

Sílvia Helena Koller^{1 2 3 4}

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo visa a descrever uma metodologia para pesquisas com famílias em ambiente natural: a Inserção Ecológica. A metodologia está fundamentada na Teoria dos Sistemas Ecológicos, que propõe o estudo do desenvolvimento de um modelo científico envolvendo a interação de quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, denominado modelo bioecológico. De acordo com esta teoria, o modelo bioecológico se constitui em um referencial apropriado para a realização de pesquisas sobre o desenvolvimento-no-contexto. Este artigo descreve a operacionalização do modelo em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco. A inserção envolveu o acompanhamento longitudinal de três famílias pobres, que vivem em uma comunidade violenta, por meio de conversas informais e entrevistas. A operacionalização do modelo bioecológico nesta pesquisa proporcionou validade ecológica ao estudo, pois permitiu incluir vários níveis de análise.

Palavras-chave: Inserção ecológica; metodologia; resiliência; família; risco.

Ecological Insertion in Community: A Methodological Proposal for Study with Families under Risk

Abstract

The aim of this paper is to describe a methodology for research with families in natural environment: Ecological Insertion. The methodology is based on Ecological Systems Theory, that proposes that development must be studied through the interaction among four nucleus: process, person, context and time, denominated bioecological theory. The bioecological model become an appropriate theoretical-methodological approach for research about development-in-context. This paper describes an operationalization of this model in a qualitative research about resilience and vulnerability in families under risk situation. The ecological insertion involved the study accompaniment of three poor families in a violent community and included observations, informal chats and interviews. The operationalization of this research promoted the accomplishment of a study with ecological validity, apart from allowing to analysis.

Keywords: Ecological insertion; methodology; resilience; family; risk.

Estudos brasileiros sobre famílias têm sido realizados em diferentes referenciais teóricos através de várias metodologias (De Antoni, 2002; Falceto, 1997; Wagner, Ferreira & Rodrigues, 1998; Wagner, Halpern & Bornholdt, 1999; Wagner, Ribeiro, Arteche & Bornholdt, 1999). No entanto, recentemente, algumas pesquisas com famílias em situações de risco têm buscado uma abordagem que

Medeiros, Hoppe & Koller, 1999; Alves, 1998; Szymansky, 1992; que permite a compreensão do fenômeno, vinculadas a ele direta ou indiretamente, visão contextualizada do risco (Bronfenbrenner (1979/1996), a

1998). No entanto, a literatura brasileira em psicologia carece de um estudo que descreva detalhadamente uma proposta metodológica para que estes estudos apresentem rigor científico e garantam sua validade ecológica. Atendendo a estes objetivos, este artigo visa a descrever uma metodologia para pesquisas com famílias em situação de risco em ambiente natural: a Inserção Ecológica. Esta metodologia foi utilizada em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias que vivem em condições adversas (Ceconello, 2003), e está fundamentada na Teoria dos Sistemas Ecológicos (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A Teoria dos Sistemas Ecológicos tem, na figura de Urie Bronfenbrenner, seu principal autor, um pesquisador ainda atuante no campo da Psicologia do Desenvolvimento. Há quatro décadas Bronfenbrenner vem trabalhando em um modelo científico apropriado para estudar o desenvolvimento, fato que contribui para que esta teoria esteja em constante evolução (Bronfenbrenner, 1999). Duas fases distintas são destacadas pelo autor durante esta jornada: a primeira, que culmina com a publicação do livro *Ecology of Human Development* em 1979, traduzido e publicado no Brasil em 1996 (Bronfenbrenner, 1979/1996), no qual Bronfenbrenner descreve o modelo ecológico, e a segunda, composta por uma série de trabalhos que desenvolvem criticamente o modelo original (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998). A principal crítica de Bronfenbrenner com relação ao modelo original é que este atribuía uma ênfase muito grande ao papel do ambiente durante o desenvolvimento, conferindo menor atenção aos processos individuais. Atualmente, o autor vem reformulando o modelo original, atribuindo ao processo uma posição central, de maior destaque. Assim, nesta nova versão, as diferentes formas de interação das pessoas não são mais tratadas simplesmente como uma função do ambiente, mas como uma função do processo, que é definido em termos de competência, que se refere à aquisição e de conhecimentos, habilidades e capacidades de direcionar seu próprio comportamento a e domínios evolutivos, tanto isoladamente quanto em conjunto com o ambiente.

desenvolvimento, que é visto através de interação recíproca progressivamente maior entre o ser humano ativo, biopsicologicamente e socialmente, e as pessoas, objetos e símbolos presentes no ambiente imediato (Bronfenbrenner & Ceci, 1994). A interação no ambiente imediato são denominadas processos bioecológicos, como processos proximais.

Bronfenbrenner (1999) sublinha a importância simultânea de cinco aspectos na sua definição de proximal: 1) Para que o desenvolvimento ocorra, é necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade efetiva, a interação deve acontecer em uma situação regular, através de períodos estendidos de tempo, que é possível ocorrer efetivamente durante atividades ocasionais; 3) As atividades devem ser mais complexas, por isso a necessidade de um período de tempo; 4) Para que os processos proximais ocorram, deve haver reciprocidade nas relações entre o ser humano e o ambiente; Finalmente, para que a interação recíproca entre o ser humano e os símbolos presentes no ambiente imediato ocorra, é necessário que a pessoa esteja atentando, explorando, manipulando e imitando os símbolos presentes no ambiente imediato.

De acordo com Bronfenbrenner e Ceci (1994), a força, o conteúdo e a direção dos processos que produzem o desenvolvimento, variam de acordo com a natureza do ambiente, como uma função conjunta das características do desenvolvimento, do ambiente (tanto imediato quanto remoto) onde eles ocorrem, da natureza dos processos evolutivos, das mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do tempo durante o período de vida de uma pessoa.

Com relação à natureza dos resultados, Bronfenbrenner e Morris (1998) afirmam que os processos proximais podem produzir dois tipos de resultados: competência, que se refere à aquisição e de conhecimentos, habilidades e capacidades de direcionar seu próprio comportamento a e domínios evolutivos, tanto isoladamente quanto em conjunto com o ambiente.

será maior em ambientes mais favoráveis ou estáveis, já que nestes ambientes as manifestações de competência ocorrem com mais freqüência e intensidade (Bronfenbrenner, 1999).

O potencial genético para a predisposição a manifestações de competência e/ou disfunção ao longo do ciclo de vida é destacado por Bronfenbrenner e Ceci (1994) como tendo uma forte influência sobre o desenvolvimento. Estes autores consideram a herança como um elemento chave do modelo bioecológico, no qual os processos proximais são vistos como os mecanismos através dos quais o genótipo se transforma em fenótipo. Os autores postulam que os processos proximais adquirem conteúdo psicológico através de uma dinâmica fusão entre padrões geneticamente determinados de comportamento e a natureza dos ambientes nos quais eles ocorrem. Esta fusão determina se é o potencial para a competência ou para disfunção que será manifestado. Condições e processos ambientais podem influenciar substancialmente o grau de herança, assim, ela será maior quando os processos proximais forem mais efetivos, e, menor, quando estes forem mais frágeis.

O impacto das manifestações de competência ou disfunção no desenvolvimento das pessoas em relação a ambientes favoráveis ou desfavoráveis pode ser exemplificado através do presente estudo. A condição de risco presente no cotidiano das famílias estudadas, determinada pela situação de pobreza e de violência no seu local de moradia, demonstra o potencial destas condições para interferir no desenvolvimento de seus membros. A falta de segurança física no ambiente, a presença de tráfico, roubos, assaltos e assassinatos, aliada à escassez de recursos financeiros das famílias e ao seu baixo nível de instrução limita suas oportunidades de desenvolvimento, afetando a qualidade dos processos proximais estabelecidos entre seus membros. Neste sentido, a disponibilidade dos pais para serem responsivos às necessidades emocionais de seus filhos pode ser perturbada pelo seu nível de *stress* decorrente das dificuldades existentes no ambiente. Do mesmo modo, o baixo nível de instrução dos pais interfere na sua capacidade

processos proximais e, ao mesmo tempo, a interação conjunta destes elementos no contexto e tempo (Bronfenbrenner, 1979). O bioecológico, o desenvolvimento, a estabilidade e mudança nas características da pessoa durante o seu ciclo de vida.

Bronfenbrenner e Morris (1979) descrevem que as características pessoais atuam devido à sua capacidade para interagir com as condições proximais: características de círculos de demanda. O primeiro grupo de características é o de disposições comportamentais, que é o bioecológico, as características psicológicas e o desenvolvimento constituem características ativas, que tanto podem colocar como impedir o movimento e sustentar sua realização. Ainda de forma ativa, colocando obstáculos ou facilitando que determinados processos ocorram. Estas disposições, respectivamente, como características estimuladoras e características inibidoras (Bronfenbrenner e Morris, 1979).

As características generativas, como curiosidade, tendência para individuais ou com terceiros, re e auto-eficácia. Bronfenbrenner divide as três formas dinâmicas de orientação da vida: a primeira, e mais precoce, das dinâmicas, está relacionada com os aspectos do ambiente físico, e a segunda está relacionada com a tendência para progressivamente mais controlar o ambiente, reestruturá-lo e, até mesmo, criá-lo. A terceira está relacionada com o ambiente; e, a terceira está relacionada com a tendência para conceitualizar suas experiências, para pensar sobre elas, mais velha, ou seja, elaborar conceitos sobre o ambiente. As duas últimas, por outro lado, representam a dificuldade de uma criança para exercer o controle sobre suas emoções e, portanto, incluem características como irritabilidade, ansiedade, medo, etc.

durante o curso de vida, ampliam os domínios nos quais os processos proximais podem operar construtivamente.

Finalmente, o terceiro grupo refere-se às características de demanda. Estas constituem atributos pessoais capazes de requerer ou impedir reações do ambiente social, inibindo ou favorecendo a operação dos processos proximais no crescimento psicológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Estas características incluem aspectos como aparência física atrativa *versus* não atrativa e hiperatividade *versus* passividade.

As características demográficas como idade, gênero e etnia também influenciam os processos proximais e seus efeitos no desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998). De acordo com eles, a combinação de todas estas características em cada pessoa produzirá diferenças na direção e força dos processos proximais e seus efeitos no desenvolvimento.

O terceiro componente do modelo bioecológico, o contexto, é analisado através da interação de quatro níveis ambientais, denominados como microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996), estes sistemas estão organizados como um encaixe de estruturas concêntricas, cada uma contendo a outra, compondo o que ele denomina de meio-ambiente ecológico.

O microssistema é definido como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento nos ambientes que ela freqüenta e estabelece relações face a face (Bronfenbrenner, 1979/1996). O termo experienciado é enfatizado para indicar a maneira como a pessoa percebe e confere um significado à influência do ambiente, que vai além de suas características objetivas. É no contexto dos microssistemas que operam os processos proximais, produzindo e sustentando o desenvolvimento, mas a sua eficácia em implementar o desenvolvimento depende da estrutura e do conteúdo dos mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). As interações dentro do microssistema ocorrem com os aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente e são permeadas pelas expectativas de direção, de reação e de resultado.

O exossistema envolve os ambientes que a pessoa freqüenta como um participante. Estes ambientes desempenham uma influência indireta no desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996). Os exossistemas são identificados por Bronfenbrenner (1979/1996) como muito importantes para o desenvolvimento humano, devido à sua influência nos processos familiares. No Brasil, a rede de apoio social e a comunidade familiar está inserida.

O macrossistema é composto pelas ideologias, crenças, valores, religiões, formas de vida, culturas e subculturas presentes no cotidiano que influenciam seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996). Assim, a cultura na qual os pais criaram os valores e as crenças transmitidos por sua origem, bem como a sociedade atual em que a pessoa interfiere na maneira como eles educam.

Finalmente, o quarto componente do modelo bioecológico - o tempo, permite examinar as mudanças que ocorrem ao longo do ciclo de vida (Bronfenbrenner, 1986). O tempo é analisado em três níveis do modelo bioecológico: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo é o nível mais curto de tempo, que vai da continuidade à descontinuidade observada entre os episódios de processo proximal. O mesotempo condiciona a efetividade dos processos proximais, de uma interação recíproca, progressivamente, em uma base de tempo relativamente regular. O macrotempo é o nível mais longo, que permite este funcionar efetivamente em ambientes imprevisíveis. Em um nível mais elevado, o tempo refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal, através de intervalos de tempo maiores, como os episódios cumulativos destes processos. Os resultados significativos no desenvolvimento humano focaliza as expectativas e eventos em macrotempo, na sociedade ampliada, tanto dentro como através de interações com o ambiente social.

sobre o desenvolvimento-no-contexto, pois permite incluir vários níveis de análise, possibilitando examinar a influência do ambiente para o desenvolvimento das pessoas. Neste sentido, Bronfenbrenner e Evans (2000) lançam um desafio científico para ser realizado no século XXI: desenvolver delineamentos de pesquisa apropriados para investigar os efeitos do caos atualmente vivenciado pelas sociedades e identificar fatores que possam minimizar os seus efeitos. De acordo com os autores, esta metáfora refere-se ao aumento significativo dos fatores de risco presentes nas famílias e na sociedade como um todo, como a violência e a pobreza, que interferem no desenvolvimento e adaptação das pessoas. Segundo o modelo bioecológico, o caos se faz presente nos vários sistemas ambientais. Sistemas caóticos são caracterizados por atividade frenética, falta de estrutura, imprevisibilidade nas atividades diárias e níveis exacerbados de estimulação ambiental. Estes aspectos podem interferir no desenvolvimento e manutenção dos processos proximais que levam à competência, como também podem produzir processos que geram disfunção. Por exemplo, famílias que vivenciam eventos de vida estressantes, como desemprego dos pais, doença crônica ou divórcio, podem apresentar disfunção nos processos proximais entre pais e filhos, gerando baixa responsividade parental às necessidades infantis (Bronfenbrenner & Evans, 2000). A parentagem não-responsiva, em decorrência, está relacionada com angústia psicológica e outros resultados negativos em crianças. Deste modo, Bronfenbrenner e Evans acreditam que o caminho para a evolução da ciência do desenvolvimento neste novo milênio consiste em recriar a pesquisa em desenvolvimento social, adequando teorias e métodos à evolução da sociedade, desenvolvendo estratégias para lidar com os efeitos atuais das adversidades presentes na vida das pessoas. Assim, novos métodos de pesquisa precisam ser criados e formas mais rigorosas de investigação propostas para identificar e avaliar aspectos evolutivos relacionados ao contexto, tempo, processo e características das pessoas envolvidas nos fenômenos psicológicos a serem estudados.

rigoroso, proporcionando a ciência permitindo a emergência de resultados originais do pesquisador, contribuindo para a ciência (Bronfenbrenner, 1979).

Uma abordagem ecológica da política social humano requer uma reorientação da relação adequada entre a ciência e a política social, sempre que possível, no conhecimento científico. A literatura leva a uma tese contrária: para que o desenvolvimento humano, a ciência e a política pública, ainda mais a política social, devem basear-se na ciência básica. No entanto, os resultados da política social são essenciais para a evolução da ciência, pois alertam o investimento no ambiente que são críticos para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. O modelo teórico-metodológico deve ser adaptado a um nível de macrossistemas generalizados de ideologia, característicos de uma determinada cultura, conforme a proposta da abordagem ecológica (Bronfenbrenner, 1979).

Ao analisar algumas pesquisas de Desenvolvimento, Bronfenbrenner que, de uma maneira geral, os pesquisadores elas não atribuem a atenção suficiente ao ambiente sobre os processos evolutivos. Ele afirma que o desenvolvimento da pessoa com o ambiente, o que é comum no trabalho empírico não conferiu a teoria de forma adequada, negligenciando a maneira como o que se encontra é uma combinação entre a teoria e a prática, com estudos da pessoa e, somente, uma breve descrição de onde ela é encontrada (Bronfenbrenner, 1979). Esta crítica tenha ocorrido na década de 1970.

que os eventos fora do ambiente imediato influenciam o comportamento e desenvolvimento da pessoa dentro daquele ambiente. Por outro lado, outros estudos, na área da antropologia, por exemplo, são excessivamente subjetivos, produzindo interpretações de influências causais altamente inferenciais. Desta forma, Bronfenbrenner ressalta que a metodologia de pesquisa em psicologia corre o risco de ficar presa entre “um rochedo e um lugar macio” (p. 16). O rochedo é o rigor, e o lugar macio, a relevância (Bronfenbrenner, 1979/1996). A ênfase no rigor conduziu experimentos bem planejados, mas geralmente de alcance limitado. Esta limitação deriva-se do fato de que muitos experimentos envolvem situações pouco familiares, artificiais e temporárias, e requerem comportamentos incomuns, difíceis de generalizar para outros ambientes. A impossibilidade de generalização dos resultados, a partir de estudos como estes, leva Bronfenbrenner a afirmar que “grande parte da psicologia do desenvolvimento, conforme existe atualmente, é a ciência do comportamento desconhecido da criança em situações desconhecidas com adultos desconhecidos pelos períodos de tempo mais breves possíveis” (p. 16).

Por algum tempo, estudiosos mantiveram posições divergentes com relação a esta questão, colocando métodos experimentais e naturalistas em oposição, atendo-se a procurar razões científicas para defender a superioridade de um método sobre o outro (Bronfenbrenner, 1979/1996). Bronfenbrenner sustenta uma posição diferenciada, indo além da discussão destas divergências, ressaltando que o que carece nos procedimentos metodológicos é uma orientação ecológica. A incompatibilidade entre estas duas correntes metodológicas é rejeitada por ele, pois argumenta que o método experimental não só é inestimável para a verificação de hipóteses, como é igualmente aplicável à sua descoberta, sendo um instrumento poderoso para a pesquisa sobre o desenvolvimento-no-contexto. Da mesma forma, o autor afirma que métodos naturalistas, como a descrição etnográfica, estudos de caso e observação naturalística são igualmente inestimáveis ao progresso científico.

para a pesquisa ecológica é a necessidade de maior número possível de contrâmbulos (características de ambientes diversificados) relacionadas com o fenômeno investigado. No clássico experimento de laboratório, há uma única variável e se tenta controlar para que não haja outras. A importância deste aspecto reside na generalização, para além da situação experimental, evitando, também, possíveis erros de generalização (Bronfenbrenner, 1979/1996).

A noção de validade ecológica a que Bronfenbrenner (1979/1996) não atribui a mesma importância que a validade de um experimento é realizada a pesquisa uma conotação válida ou não, de acordo com o autor, dependendo do problema. O laboratório pode ser um ambiente totalmente adequado para uma investigação, e certos ambientes podem ser altamente inadequados, ou vice-versa. O que é importante é que isto é atribuir ao experimento uma validade ecológica, através de uma análise das condições dos ambientes que influenciam na direção do resultado (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Baseados nas limitações teóricas e metodológicas mencionadas acima para estudar o desenvolvimento-no-contexto e com o objetivo de superar tais deficiências, Bronfenbrenner e seus colaboradores (Bronfenbrenner, 1979/1996; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Morris, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998) propõem a operacionalização do modelo bioecológico, que é a proposta metodológica. No entanto, até o presente momento, os autores não descreveram uma metodologia completa para estudar o desenvolvimento, mas apresentaram artigos e capítulos de livros, alguns aspectos que devem ser considerados na pesquisa evolutiva.

Inicialmente, é necessária uma adequação entre a teoria e o método a ser utilizado. De acordo com Morris e Morris (1998), uma teoria, para ser boa, deve ser testada. Os autores afirmam que, em ciência, uma teoria é considerada válida se for suportada por evidências empíricas que a sustentam. No entanto, a validade de uma teoria é sempre questionável, porque a validade é sempre relativa ao contexto em que a teoria é aplicada. A validade de uma teoria é sempre questionável, porque a validade é sempre relativa ao contexto em que a teoria é aplicada.

fatos, e não simplesmente verificá-los. Deste modo, a função de um delineamento de pesquisa não deve ser a de testar hipóteses para significância estatística, mas, antes, desenvolver hipóteses de poder e precisão suficientemente explanatórias para serem submetidas ao teste empírico. As características apropriadas para um delineamento de pesquisa na área do desenvolvimento neste caráter de descobrimento ainda não estão claramente definidas, pois, comparada com as ciências físicas e naturais, a ciência do desenvolvimento ainda está em sua fase inicial. Contudo, afirmam que o delineamento deve incluir formulações teóricas progressivamente mais diferenciadas e análises de dados correspondentes, com os resultados determinando o próximo passo dentro do mesmo. Assim, o delineamento deve gerar novas hipóteses, e não simplesmente confirmá-las ou refutá-las. Neste processo gerador, a importância das implicações derivadas do modelo teórico está em prover uma estrutura para expor os achados de pesquisa emergentes, de maneira a revelar, precisamente, o tipo de interdependência existente nos resultados. O interesse científico não deve se centrar sobre os aspectos já identificados pela teoria, mas sobre aqueles que produzem novas formulações teóricas. De acordo com os autores, a estratégia para investigações evolutivas, em caráter de descobrimento, envolve um processo interativo de confrontações sucessivas entre a teoria e os dados com o objetivo de formular hipóteses suscetíveis à avaliação científica no modo de verificação. Os autores reconhecem que não é fácil fazer pesquisa desta maneira, contudo, o modelo bioecológico representa, através de sua estrutura teórico-metodológica, um esforço para suprir esta necessidade científica.

No modelo bioecológico, um delineamento de pesquisa deve estar adequado à estrutura teórica subjacente e privilegiar o desenvolvimento de hipóteses para serem submetidas ao teste empírico (Bronfenbrenner & Morris, 1998). A teoria ecológica requer que um delineamento de pesquisa inclua os seus quatro componentes – o processo, a pessoa, o contexto e o tempo – demonstrando a interdependência entre elas. Por exemplo, se a hipótese

formato de hipóteses. Tal forma de apresentar as discrepâncias entre as expectativas e a observada sejam facilmente reconhecidas, fornecendo uma base para o próximo passo: a elaboração de hipóteses, que mereçam ser testadas tanto teórico quanto empírico (Bronfenbrenner, 1979).

Embora estas considerações sejam de suma importância, é importante ressaltar que estudos não-experimentais, planejados baseados no modelo de pesquisas exploratórios e descritivos, e delineamentos qualitativos que utilizam abordagens naturalísticas e entrevistas podem ser considerados como bioecológico de pesquisa. Neste caso, o resultado é central, cujos resultados dependem das demais componentes. Neste sentido, é importante aspecto contido na teoria, que o aspecto proximal envolve uma “transferência” de significado do ser humano em desenvolvimento para os símbolos existentes no ambiente (Brennan & Evans, 2000, p. 118). Esta transferência é tanto unidirecional quanto bidirecional, ou seja, pode ser tanto desenvolvimento para aspectos para a pessoa em desenvolvimento quanto transferência de aspectos para o ambiente imediato.

A partir desta definição inferências. Em qualquer delineado a interação do pesquisador com Na pesquisa qualitativa, princípio a interação do investigador com transferência de energia, propicia proximais em ambos. Por não ser ocorrer em uma base estável atingindo o resultado.

Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998) com relação à pesquisa evolutiva, este artigo pretende propor uma metodologia para o estudo do desenvolvimento-no-contexto: a Inserção Ecológica. A metodologia de inserção ecológica foi utilizada em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco (Cecconello, 2003), condição determinada a partir da situação de pobreza das famílias e da violência existente na comunidade na qual elas vivem. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar os processos de resiliência e vulnerabilidade através de um estudo de casos múltiplos (Yin, 1994) com três famílias: uma nuclear, uma reconstituída e uma uniparental. Para isto, a equipe de pesquisa se propôs a uma inserção no ambiente ecológico no qual vivem as famílias, com o objetivo de conhecer a sua realidade, investigando fatores de risco e proteção em nível intra e extrafamiliar, como práticas educativas, parentalidade, experiência dos pais em suas famílias de origem e apoio social. A inserção ecológica envolveu o acompanhamento destas famílias ao longo de quatro anos, e incluiu visitas freqüentes, observações, conversas informais e entrevistas. A partir desta inserção da equipe de pesquisa no contexto ecológico das famílias, foi possível estabelecer hipóteses com relação aos processos de resiliência e vulnerabilidade, respondendo, assim, às questões de pesquisa do estudo.

A inserção ecológica envolveu a sistematização dos quatro aspectos da teoria ecológica pela equipe de pesquisa: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O processo proximal, ocorrido através da interação de pesquisadores, participantes, objetos e símbolos presentes no ambiente imediato, se constituiu na base de toda a investigação. Além da interação dos investigadores com as famílias e a comunidade, o processo também envolveu a triangulação de informações, percepções e sentimentos dentro da equipe, na qual as experiências individuais e os aspectos observados no ambiente foram compartilhados e discutidos de acordo com o significado atribuído aos mesmos por cada integrante, possibilitando uma análise dos processos proximais dentro da ação social. O resultado foi a sistematização dos quatro aspectos da teoria ecológica.

foram realizadas visitas às casas dos pais, execução das entrevistas com a sua autoridade, eles pareciam estar sempre disponíveis para esta tarefa.

3) As atividades devem ser progressivamente mais complexas, por isso a necessidade de um maior tempo – nesta pesquisa, as visitas informais para as entrevistas, que progrediram por etapas, a serem abordados e sempre tiveram um tempo superior a uma hora.

4) Para que os processos proximais se haver reciprocidade nas relações entre pesquisa, a interação da equipe de pesquisadores com os participantes serviu de base para todo o processo. As entrevistas ocorreram na forma de convívio entre pesquisadores e participantes, a equipe esteve sempre disponível para responder às perguntas dos participantes e fornecer apoio, quando

5) Finalmente, para que a interação reúne objetos e símbolos presentes no ambiente estimular a atenção, exploração, manipulação da pessoa em desenvolvimento – nesta parte abordados nas entrevistas despertavam os participantes, pois estavam relacionados com a vida.

Ao longo de toda a investigação, de proximais aconteceram, tanto para os pesquisas, que, ao falarem sobre suas experiências, tiveram a possibilidade de refletir e aprender para a equipe de investigadores, que, ao falar sobre suas famílias e a comunidade onde vivem, unidades de sentido importantes para responder à pesquisa e desenvolver novas hipóteses, processos proximais, contudo, só se tornaram decorrência da inserção ecológica da equipe no ambiente onde vivem as famílias, ou seja, passou a ser significativa e estável. A equipe precisou adquirir o ambiente para adquirir a condição de inserida no contexto da pesquisa.

ele poderia existir na realidade objetiva. Os quatro níveis ambientais foram incluídos na análise: o micro, o meso, o exo e o macrossistema. O micro e o mesossistema foram capturados e analisados através da vivência da equipe dentro das famílias, das escolas, das vilas, do bairro no qual está inserida a comunidade e dos relatos das famílias sobre estes e outros ambientes freqüentados por elas, como centros de saúde, áreas de lazer e casas de familiares. O exossistema foi analisado através dos relatos das famílias sobre a sua percepção dos ambientes não freqüentados por elas, mas que desempenham uma influência sobre suas vidas, como a Prefeitura. O macrossistema foi analisado através da percepção da equipe sobre os modos de vida das famílias, seus valores, crenças, da influência dos aspectos sócio-econômicos-culturais e do relato delas (famílias) sobre estes aspectos.

O tempo envolveu o acompanhamento longitudinal das famílias dentro da comunidade, o que permitiu analisar mudanças e continuidades ocorridas nos níveis do micro, meso e macrotempo. O microtempo permitiu analisar continuidade e descontinuidade dentro dos episódios de processo proximal através da interação pai/mãe/criança, conforme relatado pelas famílias. O mesotempo permitiu analisar a periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos de tempo maiores, como dias e semanas, que foram inferidos a partir do relato das famílias de suas rotinas. O macrotempo permitiu focalizar as expectativas e eventos em mudança dentro da sociedade ampliada, como trocas de prefeito e governador, as mudanças ocorridas no ambiente físico, como a reforma da comunidade, e a história intergeracional das famílias, permeada por seus relatos.

A partir da inserção ecológica da equipe de pesquisa nesta comunidade foi possível conduzir o estudo de casos múltiplos com as três famílias, descrever o ambiente onde elas vivem e captar unidades de sentido nos seus relatos para ilustrar os aspectos de risco e proteção existentes no local. Desta forma, foi possível analisar a influência destes

do discurso do entrevistado. A perspectiva tem como objetivo a familiarização, um certo nível de observada, a fim de que se possa a ser investigado, tal como ele é natural. Neste sentido, a experiência das famílias e a comunidade no que estão inseridas possibilitou o conhecimento dos fenômenos investigados. A invalidade ecológica do estudo de risco em seu ambiente na influência das características do contexto no qual estão inseridas, vivendo e dos processos entre elas e, entre elas e a equipe de

De um modo especial, constituíram a base desta investigação a compreensão dos fenômenos como o próprio desenvolvimento, intervenção proporcionada, acompanhamento das famílias a serem realizadas como um tipo de intervenção. Cada encontro era dividido para os pais e a criança entrevistados, no qual eles eram escutados. Durante a entrevista, eles podiam relatar suas experiências e sentimentos. Szymansky (2000) argumenta que a interação social, enquanto interação social, é sempre social, uma vez que o ser humano nunca é só. É sempre uma influência mútua entre os sujeitos, mediada pela interpretação que se faz da situação. A interação entre entrevistador-entrevistado proporciona tempo para reflexão e troca de informações. O entrevistador é capaz de fornecer informações sobre os problemas apresentados. Szymansky (2000) argumenta que o caráter de intervenção da entrevista é determinado pelo processo de tomada de consciência, que é a atuação do entrevistador, no sentido de que a compreensão do discurso do entrevistado é determinada

com responsabilidade ética dos investigadores, uma vez que passam a integrar o cotidiano das pessoas envolvidas no processo de execução da pesquisa. A linha entre a inserção ecológica e o pertencimento daninho pode ser muito tênue se a equipe de pesquisa não tiver clareza de seu papel no processo vigente. Esta atitude permitirá que os demais participantes da pesquisa possam, também, ter definidas as fronteiras da intervenção e das possibilidades disponíveis. A inserção ecológica pode ser utilizada isoladamente, com objetivo de obter dados sobre crianças, adolescentes e famílias em qualquer nível sócio-econômico ou condição de vida. Os dados obtidos podem, além de sua utilização para pesquisa, servir para embasar aconselhamento terapêutico, psicopedagógico, educacional ou clínico. Não devem, no entanto, ser utilizados como instrumento único para tomada de decisão sobre a vida das pessoas envolvidas, como por exemplo, quando se faz necessária uma avaliação diagnóstica mais especializada. A utilização mais indicada, portanto, é como metodologia de pesquisa. Psicólogos e outros profissionais que a escolham para seu trabalho devem assumir um compromisso ético, garantindo a proteção aos direitos dos seus participantes.

Referências

- Bastos, A. C. S. (2001). *Modos de partilhar: A criança e o cotidiano da família*. Taubaté, SP: Cabral.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology, 22*, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. Em B. L. Friedmann & T. D. Wachs (Orgs.), *Conceptualization and assessment of environment across the life span* (pp. 3-30). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review, 101*, 568-586.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development, 9*, 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes.

- Ceconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C. (2000). *Vulnerabilidade e resiliência famílias maltratadas*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C. (2002). *Coesão e hierarquia em famílias com pais maltratados*. Projeto de Doutorado não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C., Medeiros, F. B., Hoppe, M. M. W. & Koller, S. H. (2003). Família em situação de risco: Resiliência e vulnerabilidade. *Falceto, O. G. (1997). Famílias com desenvolvimento funcional: Escalas diagnósticas FACES III, Beavers-Timberlawn e Funcionamento Interacional (GARF)*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Medicina: Clínica Médica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Hoppe, M. M. W. (1998). *Rede de apoio social e afetivo em famílias com pais maltratados*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Mayer, L. R. (1998). *Controle percebido e desempenho acadêmico em nível baixo*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Simionato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). *Relações familiares em duas gerações*. *Paidéia, 7*, 109-116.
- Szymansky, H. (1992). Trabalhando com famílias. *Cadernos de Pesquisa, 22*, 1-12.
- Szymansky, H. (2001). Entrevista reflexiva: Um olhar psicológico em pesquisa. *Revista Psicologia da Educação, 11*, 11-12.
- Wagner, A., Ferreira, V. S. & Rodrigues, M. I. M. (1998). Uma perspectiva entre pais e filhos. *Psicologia Argos, 16*, 11-20.
- Wagner, A., Halpern, S. C. & Bornholdt, E. A. (1999). Família e bem-estar psicológico de adolescentes. *Psicologia & Sociedade, 12*, 147-156.
- Yin, R. K. (1994). *Case study research: Design and methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controvérsia: Família e bem-estar psicológico de adolescentes em baixa renda*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.